

# Levante Comunista de

# 1935



Coryntho Baldez  
ilustração e foto Marco Fernandes

# Luta antifascista que marcou o Brasil

Na manhã do grande comício, em nove de junho de 1935, ocorrem os primeiros confrontos, que deixam feridos de um lado e de outro. Às quatro da tarde, mais de cinco mil pessoas já se amontoam na Praça Dom Pedro II, em Petrópolis. Atendem ao chamado da Aliança Nacional Libertadora (ANL) para um Ato contra o latifúndio, o imperialismo e – de acordo com a nota convocatória – o “Fascismo sob o rótulo de Integralismo”. No início da noite, saem em passeata pela Avenida 15 de Novembro, atual Rua do Imperador. Ao final, os manifestantes dobram na Rua João Pessoa, vão em direção à Praça da Liberdade e param em frente à sede dos integralistas. Lá dentro, as luzes se apagam. Segundos depois, tiros são disparados contra a multidão, ferindo várias pessoas e matando o operário Leonardo Candu, da fábrica Dona Isabel. Após a morte de Candu, os trabalhadores da indústria e do comércio iniciam uma greve que paralisa a cidade durante nove dias.

O exemplo de Petrópolis traduz bem o acirrado clima de conflitos sociais às vésperas do chamado Levante Comunista de 1935, que completa 70 anos em novembro. As mobilizações na cidade serrana levaram Luís Carlos Prestes a afirmar: “depois de vinte Petrópolis a insurreição será inevitavelmente vitoriosa”. Contudo, a historiadora Anita Leocádia Prestes, professora de História do Brasil, do

Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ, em entrevista ao Jornal da UFRJ, avalia que as massas que acorriam com entusiasmo aos comícios da ANL não estavam organizadas para resistir à violenta repressão que atingiria os opositores do governo após a rebelião.

## Um levante geral?

O primeiro levante militar foi deflagrado no dia 23 de novembro de 1935, em Natal (RN). No dia seguinte, a revolta eclodiu na cidade de Recife (PE) e, no dia 27, chegou ao Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Sem o apoio das massas operárias e das camadas médias urbanas, o levante, restrito aos quartéis, foi rapidamente sufocado. Além de seus principais líderes, milhares de pessoas foram presas em todo o país. “Sem dúvida, houve erro de avaliação no desencadeamento desse movimento, mas algo de positivo ficou: ele criou uma profunda consciência antifascista, antiimperialista e antilatifundiária”, assinala Anita Leocádia.

O professor Paulo Henrique Machado, em dissertação de mestrado defendida em março de 2005, na UFRJ, reconstituiu a história das greves e comícios em Petrópolis – como os do dia nove de junho – no agitado ano de 1935. Para ele, quando Luís Carlos Prestes se referiu às mobilizações na cidade, tinha como objetivo chamar a atenção para o fato de “o

movimento operário necessitar de maior organização, como ocorrera em Petrópolis, em junho”. Aquela greve geral, numa cidade com forte presença conservadora, contribuiu para avaliações dos setores do Partido Comunista Brasileiro (PCB) de que havia condições propícias para uma sublevação popular contra o governo, analisa Paulo Henrique, que dá aulas no Ensino Médio em Petrópolis.

## Movimento amplo

O termo dado pela história oficial para a rebelião – Intentona Comunista – incomoda Anita Leocádia. Segundo ela, embora os comunistas tivessem à frente do movimento, os seus objetivos não eram a implantação do comunismo no Brasil, como a direita sempre quis fazer crer. “Na realidade tratava-se de uma luta por quatro objetivos: contra o Fascismo, o Integralismo, a dominação imperialista e a grande propriedade da terra”, enumera.

Em que pese os levantes terem sido esmagados com grande violência, produziu uma consciência que, segundo a historiadora, iria ressurgir com força poucos anos depois, na luta contra o nazifascismo. Na virada dos anos 1940, de fato, houve grandes manifestações populares que vão levar ao rompimento do governo com os países do Eixo e à entrada no Brasil na Segunda Guerra Mundial.